

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ESTUDOS SOBRE O TURF.

QUEIRÓS, José Martins de

Ano: 1889 | Número: 6

Como citar este documento:

QUEIRÓS, José Martins de, Estudos sobre o turf. *Revista de Guimarães*, 6 (1) Jan.-Mar. 1889, p. 20-50.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

ESTUDOS SOBRE O *TURF*

(Continuação da Segunda parte, vol. v, pag. 179)

Chegamos finalmente ao ponto de analysarmos os diferentes modos de montar e fazer saltar os cavallos destinados ás corridas de obstaculos.

Quanto aos animaes que melhor conta poderão dar de si nas corridas d'esta especie, que se effectuam dentro dos hippodromos, serão ainda aquelles que deram o que tinham de dar ou que nada fizeram nas corridas planas, quer dizer, os *thoroughbred* em decadencia ou sem grande velocidade.

Effectivamente para estas corridas devem ser escolhidos de preferencia os animaes que fizeram o seu tirocinio sobre as pistas rasas, por isso que habituados a correr a todo o escape mais facilmente passarão ou atravessarão os obstaculos sem esforço e sem perder terreno. Os cavallos de caça e de *across-country*, por exemplo, não têm realmente grande partido dentro dos hippodromos, porquanto, correndo mais por terrenos desconhecidos e cortados de obstaculos sérios do que em pistas, cujas difficuldades são attenuadas quanto podem ser, são pelo seu instincto e escola forçados a concentrar as suas forças impulsivas sobre o terço posterior e a diminuir portanto a velocidade. Se dão bons saltos, e mais seguros, perdem todavia tempo e terreno — caso grave nas corridas que têm lugar em pistas artificialmente preparadas.

Em vista d'isto, e sendo certo que um cavallo chega tanto mais depressa á meta quanto mais rapidamente passar os obstaculos, o que equivale a dizer — que quanto peor fizer os saltos mais depressa ganha — é d'entre aquelles, que fizeram a sua aprendizagem sobre as pistas rasas, que os animaes de *hurdle-race*, e mesmo do *steeple-chase* que se effectua nos hippodromos, se devem escolher.

A proposito, e para não ir mais longe buscar exemplos, para em certo modo comprovar o que acabamos de dizer, citaremos o nome do bem conhecido *Misleader*, que, tendo debutado e continuado nas corridas planas, passou mais tarde, e pelo excesso de peso que então levava e lhe difficultava qualquer victoria, a correr em *hurdle-race*. O seu estylo de vencer os obstaculos, de que se abeirava a toda a força das suas pernas e pulmões, rompendo os de natureza a serem atravessados e galgando réz-véz os mais difficéis, fez com que tomasse parte, e algumas vezes vantajosamente, em varias corridas de obstaculos.

Ora comquanto não nos causem grande enthusiasmo estas corridas que se effectuam nos hippodromos, quer sejam do genero *hurdle*, quer do genero *steeple*, porque emfim o systema de as disputar é sempre o mesmo — á doida! — nem tão pouco engracemos com o tal estylo de galgar réz-véz os obstaculos ou de os romper a galope, como faz a maior parte dos cavallos habituados a estas luctas, não podemos contudo deixar de confessar que, quando a fatalidade se não vem metter de permeio, é este o caminho mais curto para ganhar a meta de qualquer d'estas duas corridas.

Portanto, e já que a moda soberana assim o exige, não seremos nós que deixaremos de dizer aos amadores, porque os ha e não em pequeno numero, que ensinem os seus cavallos, como opportunamente se verá, a saltar o mais baixo e o mais curto que lhes fôr possivel. Só assim tambem com mais facilidade aprenderão o estylo de *rasar*, romper e lançar por terra os obstaculos, n'uma palavra, o systema de correr com tal ou qual *chance* quer no moderno *steeple-chase* quer no *hurdle-race*.

Quanto á maneira de montar os cavallos destinados a disputar qualquer d'estas duas especies de corridas, como ambas degeneram em luctas de pura velocidade, não tem o leitor mais do que consultar o que deixamos dito com relação a estas ultimas, especialmente pelo que diz respeito á parte rasa da pista; porque a differença entre umas e outras é tão insi-

gnificante que não valerá muito a pena voltar a fallar no mesmo assumpto. Com relação, porém, á passagem dos obstaculos de que nos vamos occupar, o mais conveniente será amparar o cavallo com as pernas, com o chicote e com as redeas, como adiante se verá, de fórma que nem possa fugir da linha das barreiras, nem se detenha antes ou depois de fazer os saltos, para não perder tempo e terreno.

Ha um grande numero de pessoas, que dizem que o melhor meio de levar um cavallo a saltar é suspender-lhe ou elevar-lhe a mão ou mãos das redeas em frente do obstaculo, por isso que esta *ajuda*, levantando-lhe a seu turno a antemão, mais facilmente o levará a fazer o salto. Vem em seguida outros, e talvez seja a sua a opinião predominante, que prescrevem ao cavalleiro de dar inteiramente a mão ao animal no momento em que se dispõe para saltar, porque sem o apoio do bridão sobre as barras, acrescentam, não se *negará* e melhor *salvada* os obstaculos.

Estas duas opiniões tão divergentes entre si, como contrarias á segurança e boa execução dos saltos, constituem um systema rotineiro, que seguem geralmente duas boas terças partes dos homens que montam a cavallo! Como porém destoem da boa escola e das leis que regem o equilibrio do cavallo montado, e sejam ao mesmo tempo causa de accidentes desastrosos, não deixaremos de as impugnar, apresentando em seguida, e segundo cremos, o unico e mais seguro meio de ajudar um cavallo a *salvar* qualquer obstaculo, quer seja em altura, quer seja em largura.

O salto, que é o esforço que o cavallo faz, elevando quasi simultaneamente e á mesma altura a antemão e postmão, exige que o cavalleiro não sobrecarregue a garupa, para que esta, que é a séde de todas as forças impulsivas do animal, possa não só projectar devidamente toda a massa no sentido do movimento curvilíneo, mas elevar-se o sufficiente para que as pernas não toquem o obstaculo e dêem origem a uma queda desastrosa. Ora se a mão do cavalleiro se suspende ou se eleva na occasião do salto, e as redeas forçam, por consequencia, as espaldas do animal a levantar-se — primeira opinião — o centro de gravidade deslizará sobre a garupa, e, sobrecarregando-a consideravelmente, difficulará o seu esforço impulsivo, bem como a necessaria elevação dos membros posteriores, para poderem, como os membros anteriores, passar sobre o obstaculo.

N'estas circumstancias o cavallo não póde projectar-se sem

um grande esforço dos rins e curvilhões, e quando chegue a fazer o salto, acudindo ás esporas e ao chicote, nem sempre será tão feliz que na maior parte dos casos lhe não succeda bater com as pernas no obstaculo, ficando escarranchado em cima d'elle ou estendido no meio do chão e sobre o corpo do cavalleiro.

Com o fim de evitar estes e outros desastres, que se dão a cada passo, e que são o premio de tão *boa* escola, recommendam os apaixonados de saltar inteiramente as redeas ao cavallo no momento em que, todo no ar, se projecta sobre o obstaculo, retomando-as em seguida e logo que os membros anteriores, que são os primeiros a chegar a terra, se apoiam ao terminar o salto.

Este systema de proceder, que á primeira vista parece ser de grande alcance, não dá nem pôde dar o mais pequeno resultado e é simplesmente illusorio para aquelles que o empregam, não só porque o impulso e a rapidez do salto lhes não permite servirem-se convenientemente das *ajudas* que prescrevem, mas porque o proprio cavallo, não encontrando no ar o mais pequeno ponto de apoio, não pôde elevar, augmentar ou diminuir o movimento á medida dos caprichos do cavalleiro.

Ninguém decerto ignora que, em virtude da attracção universal, todos os corpos são forçados a cahir, desde que entregues a si propios não tenham um ponto de apoio em que se firmem. Ora o cavallo, que se lança no espaço para transpôr qualquer obstaculo, e que, com o seu cavalleiro na sella, não fórma mais do que um só corpo, não estará n'aquellas mesmas condições? Poderá porventura o ar, que desloca, servir de ponto de resistencia para que as pernas d'este corpo se estiquem e atirem com toda a massa mais ou menos longe?

Não podendo deixar de ser affirmativa a resposta do leitor, acrescentaremos que por aquellas mesmas razões um cavallo não saltará nunca nem mais curto, nem mais largo, nem mais baixo, nem mais alto, do que lhe permittir o esforço que fizer no acto de projectar-se, embora, quando fôr pelo ar descrevendo a trajectoria, o ataquem de esporas e de chicote ou lhe soltem mesmo toda a redea.

Em vista pois do que fica expellido, nem deverão suspender-se as redeas no momento em que o cavallo se dispõe para saltar, nem durante a execução do movimento curvilíneo se empregará qualquer *ajuda*, porque o seu resultado, materialmente negativo, pôde desconcertar moralmente o animal.

A tensão rapida das redeas, de que tambem se servem ao terminar o salto, não vale ainda assim a inclinação obliqua e para traz do busto do cavalleiro, que tem a vantagem de sobre-carregar a garupa, forçando as pernas a precipitar o seu apoio para assim auxiliarem as mãos no caso de uma queda. A tensão das redeas, que não pôde deixar de ser brusca, em razão do abalo que o salto communica ao cavalleiro, obrando sobre todo o corpo do cavallo, mas com especialidade sobre os curvilhões e n'um sentido diametralmente opposto ao movimento, obsta a que as pernas se aproximem das mãos com a necessaria rapidez para as auxiliarem, ao passo que pôde occasionar uma queda de garupa.

Quanto á segunda opinião, isto é, aquella que prescreve dar inteiramente a mão ao cavallo no momento em que aborda e transpõe os obstaculos, não vemos tambem que offereça a menor vantagem nem a mais pequena segurança, ao passo que a reconhecemos como sendo causa, não só de quedas desamparadas, que são sempre as mais terriveis, como de scenas, que, seja dito de passagem, não abonam a competencia equestre d'aquelle que as exhibe.

Não tem sido poucas as vezes que temos presenciado esses vôos á Leothard, que dão por cima das orelhas dos seus cavallos aquelles que seguem a rotina de lhes dar toda a redea ao aproximarem-se dos obstaculos! Leothard, porém, saltava de trapesio para trapesio com a mesma elegancia que uma avesinha poisa de ramo em ramo. Ao contrario d'isto os nossos homens, coitados! desde que o cavallo pára bruscamente em frente do obstaculo, o que é frequente quando assim se vê sem governo, despegam-se da sellá que é um louvar a Deus, e elles ahí vão por esses ares fóra, rolando em seguida pelo chão como se fossem umas verdadeiras bolas.

Estas peripecias, que são sempre um motivo de risota, costumam presencial-as os proprios cavallos, que não se dando ao incommodo de saltar, ficam áquem do obstaculo como que rindo-se consigo mesmo da *bella* figura que fizeram os cavalleiros. Mas isto ainda não é tudo, pois que nem sempre os cavallos se limitam a estacar deixando voar os cavalleiros, e o que ordinariamente fazem é furtar-se sobre a direita ou sobre a esquerda, e com tanta maior pericia e rapidez quanto mais á sua vontade forem, dando em resultado pregarem com os cavalleiros sobre o proprio obstaculo.

Damos de barato que uma grande parte das pessoas, que costumam pôr em pratica qualquer d'estas duas opiniões,

sáiam sãs e salvas d'algumas das suas aventuras, porque em fim o seu *bom calção*, a sua coragem e felicidade, lhe evitam um grande numero de perigos a que inconscientemente andam expostos; mas poderá dizer-se que montam segundo a arte e com a cautela necessaria para não estropiarem os seus cavallos ou a si proprios?

Por outro lado, e isto não o deve ignorar o mais insignificante cavalleiro, nenhum cavallo se lança resolutamente a galope senão quando sente o apoio do freio, bridão ou *pelham*, sobre as barras, o que equivale a dizer-se que precisa d'uma mão que o governe e em que confie. O cavallo que apanha a camba ou *boccado* com os incisivos ou queixaes, e que, como vulgarmente se diz, foge com o freio nos dentes, não será um frisantissimo exemplo do que acabamos de dizer? Não provará, e até de sobra, que sem aquelle fortissimo ponto de apoio que a sua phantasia ou a mão desabrida do cavalleiro lhe proporcionaram, se não aventuraria n'uma carreira, que por desordenada pôde muito bem levar um e outro ás portas da eternidade?

Pois se prova, como se convencerão ainda os mais incredulos desde que dêem toda a mão ao cavallo que foge e que parece querer arrancar as redeas e com ellas os braços do cavalleiro, mas que em virtude d'aquelle abandono de governo se vê obrigado a diminuir a velocidade pelo receio instinctivo de cair, se prova, repetimos, por maior razão ainda evidenciará que nenhum cavallo se abalança a transpôr um obstaculo difficil, quando não sinta o necessario apoio do *boccado* e por consequente a tensão das redeas e o auxilio da mão que o dirige. Não queremos com isto dizer que para se fazer saltar um cavallo seja preciso detel-o ou puxar-lhe pelas redeas! Muito longe d'isso. O apoio de que fallamos deve ser de natureza a amparar o animal sem lhe tolher os movimentos.

Se é verdade que em plena liberdade todo o cavallo trota, galopa e salta com toda a coragem e segurança, porque a natureza o dotou com um instincto e forças harmonicas com o seu peso, não é menos certo que desde que a sua vontade e machinismo se acham submettidos a outrem, desde que as condições do seu equilibrio natural mudam com o peso addicional do cavalleiro, não pôde em caso algum dispensar-se, como o cego não dispensa a mão da criança que o guia, de quem o saiba dirigir e em quem confie.

E um cavallo poderá ter confiança no cavalleiro que, n'um momento tão critico como é o de abordar e transpôr um obstaculo difficil, o deixa perfeitamente ao desamparo e á mercê

do acaso, dando-lhe toda a mão e por conseguinte toda a re-dea? Certamente que não! Portanto, nem este systema que um bom numero de cavalleiros preconisa, nem o antecedente que tambem já refutamos, devem ser empregados por quem quer que se preze de saber ser cavalleiro.

Abandonados que sejam os dois systemas pelas razões expendidas, e por incompatíveis com as condições do equilibrio equestre, resta-nos analysar o unico que nos parece racional, e que sancionado pela propria experiencia nos tem dado sempre os melhores resultados, tanto nas caçadas a cavallo, como nas corridas de obstaculos, torneios, e passatempos equestres em que temos tomado parte.

Quando tratámos da maneira de montar um cavallo sobre as pistas rasas, já então tivemos occasião de dizer quaes as regras e precauções que é preciso ter em vista com relação ao cavallo e cavalleiro, e isto desde o toque da sineta que os chama ao recinto da pesagem até que entram na pista, fazem a corrida e voltam a repesar-se. Por isso, e porque estas considerações são por igual applicaveis ás corridas de saltos, limitar-nos-hemos simplesmente a expôr a maneira porque o *jockey* ou o *gentleman rider* devem levar um cavallo a saltar.

Supposto não haver entre nós essa grande variedade de obstaculos, que se encontram nos paizes estrangeiros, comtudo alguns ha, e esses vamos classificar-os em dois grupos perfeitamente distinctos. Ao primeiro grupo pertencem todos aquelles obstaculos que um cavallo não pôde transpôr, sem passar sobre elles n'uma curva bastante pronunciada em consequencia do esforço dos rins, pernas e curvilhões, mas principalmente d'estes ultimos que se dobram e entesam atirando a massa ao ar, como o arco do selvagem se encurva e estende para despedir a flecha. Fazem parte d'este grupo todos os obstaculos elevados como — sebes, silvados, paredes, vallados, estacadas, barreiras de madeira, etc. O segundo grupó comprehende os obstaculos largos como — vallas e cursos d'agua, e sobre os quaes os cavallos se elevam o menos possivel, vencendo-os quasi que horisontalmente ao nivel do terreno, e mais pela velocidade adquirida, do que pelo esforço proveniente da flexão e extensão das pernas e curvilhões.

D'estas poucas linhas resalta immediatamente um principio, que nós apresentaremos a quem quer que seja com fóros de verdadeiro axioma; e vem a ser: que, para fazer um salto em altura, deverá o cavallo marchar n'um galope franco, tanto mais unido e concentrado, quanto mais alto e difficil fór

o obstaculo; e que, para dar um salto em largura, galopará com tanta mais velocidade, quanto mais largos e fundos fôrem os fossos e canaes.

Partindo d'este principio, que nos será sempre de um verdadeiro guia, comecemos pelos saltos de altura, que, quanto a nós, são os mais facéis de transpôr desde que um cavallo tem tempo de os vêr bem e de avaliar da sua difficuldade.

É claro que não tratamos n'este momento, nem do modo como se deve correr sobre um terreno cortado de obstaculos, nem tão pouco da maneira de ensinar um cavallo a saltar. Já atraz dissemos alguma coisa sobre aquelle assumpto, e d'este fallaremos em logar mais opportuno. Por agora limitar-nos-hemos simplesmente a dizer como se deverá levar aos saltos um cavallo, que já está habituado a transpôr os diferentes obstaculos.

Posto isto principiemos por dizer ao cavalleiro, *jockey* ou *gentleman-rider*, que a primeira coisa que tem a fazer é pôr o seu cavallo a galope franco e unido em direcção ao obstaculo que vai transpôr, de fôrma a *salval-o* em linha recta e não em linha obliqua, porque do contrario sahirlhe-ha o salto maior, mais difficil e, por conseguinte, mais perigoso. E a não ser que dois obstaculos parallelos, muito proximos um do outro, obstem, apesar da sua proximidade, que um cavallo os vença d'uma só vez, porque então forçoso será saltar obliquamente ao meio d'elles e em seguida e na mesma direcção para o outro lado, todos os saltos se devem abordar e transpôr em linha recta. São rarissimos entre nós os obstaculos parallelos, porém muito frequentes na Inglaterra, onde constituem um genero de vedações difficeis de vencer, especialmente as duplas barreiras de madeira, cujo intervallo é umas vezes tão pequeno que um cavallo tem de salvar conjuntamente as duas barreiras, ou tão grande que é preciso decompôr o salto em dois, saltando ao meio d'ellas e em seguida para o outro lado.

Portanto, logo que o cavallo se fôr aproximando do obstaculo perfeitamente amparado pela união accentuada das pernas de harmonia com a tensão leve das redeas do bridão ou *pe-lham*, seguras pelas mãos *d'unhas a baixo* e junto da cernelha do animal, deverá o cavalleiro, cerrando um pouco mais as *ajudas*, marcar um oitavo de parada, que em nada deve alterar o andamento, salvo se este fôr demasiado, e que só terá por fim advertir o animal e concentrar-lhe as suas forças para melhor fazer o salto. Ao começar, bem como ao ter-

minar o salto, e mesmo durante a sua execução, nada mais deverá fazer o cavalleiro do que seguir os movimentos do cavallo — sem que todavia os preceda — inclinando o alto do corpo para diante, quando a antemão do animal se elevar, voltando á posição vertical, quando a seu turno a garupa se levante, e inclinando-se para traz logo que os membros anteriores cheguem a terra do outro lado do obstaculo.

Com estas simples *ajudas*, cujas vantagens sobre todas as outras são incalculaveis, por isso que, muito longe de contrariarem, se identificam com os movimentos do cavallo que só n'estas condições fórma com o seu cavalleiro esse solidario grupo do centauro, tão indispensavel em tudo que são lances difficeis e arriscados, póde aquelle precioso animal abordar e transpôr com facilidade e uma certa segurança qualquer obstaculo elevado, que não seja todavia incompativel com as suas forças.

O busto do cavalleiro, como o fiel d'uma balança, é em todas as posições e movimentos, mas especialmente n'aquelles de que se trata, o melhor e mais perfeito regulador entre a antemão e postmão do animal, por issó que, pelas suas oscillações, concorre para deslocar ou firmar o centro de gravidade, que como toda a gente sabe é o agente principal da producção, modificação e neutralisação do movimento.

Assim quando o cavalleiro se inclina para diante ao começar o salto, o que de modo algum deve fazer sem que as espaldas do animal iniciem o movimento ascensional, as mãos, que estão ligadas ao busto por intermédio dos braços, e que o seguem na sua oscillação, dão ás redeas o comprimento sufficiente para que a cabeça e pescoço do animal se estendam e levem comsigo o tronco e os membros posteriores. Por seu lado a garupa, um pouco alliviada do peso do cavalleiro e arrastada, para assim dizer, pela antemão do animal, que já vai em movimento, completa a ascensão total da massa por uma forte extensão dos seus jarretes.

Do mesmo modo ao terminar o salto, e quando o cavalleiro se inclina para traz, tendo passado, como não póde deixar de ser, pela posição vertical no momento em que o cavallo attinge a maior altura da trajetoria, o que, ainda que momentaneamente, lhe equilibra e conserva horisontaes a antemão e postmão, o centro de gravidade deslizará sobre a garupa e, fazendo precipitar o seu apoio sobre o sólo, alliviará os membros anteriores, que decerto se não aguentariam sob tanto peso. Pela razão acima dita, as mãos, seguindo o movi-

vimento de recuo do busto do cavalleiro, trazem comsigo as redeas, que por seu turno amparam o animal e ajudam-no a sustentar-se sem cahir ao chão, não o impedindo todavia de continuar no seu andamento de galope.

Desde que um cavallo vai para o salto com resolução e franqueza nenhuma outras *ajudas*, além d'aquellas que vimos aconselhando, devem ser postas em pratica. O essencial é levar o animal a saltar sem repugnancia, o que não será difficil de conseguir se o cavalleiro, além da coragem que lhe é indispensavel, souber harmonisar as *ajudas* de fôrma que um contacto intimo se estabeleça entre ellas e o corpo do cavallo.

Casos ha effectivamente em que é preciso determinar um cavallo a saltar, e desde então não se pôde dispensar a intervenção energica do chicote e das esporas, que de modo algum ainda devem alterar a reciprocidade de um leve apoio entre as mãos do cavalleiro e a bocca do animal. Quando assim se torne necessario as esporas serão dadas por um bom ataque sêcco sobre os ilhaes e a tres ou quatro comprimentos de cavallo áquem do obstaculo. O chicote far-se-ha sentir mais ou menos fortemente sobre a espadua direita do animal no momento em que este se dispõe para saltar. O chicote, assim applicado, decide infallivelmente a atemão a iniciar bem o movimento ascensional.

A acção de levantar um cavallo com as redeas sobre um obstaculo ou de lhe dar a mão no momento de o abordar, o que principalmente constitue os dois systemas, que já tivemos occasião de refutar, não tem a mais pequena semelhança nem com a nossa theoria nem com a nossa maneira de operar. Nós dissemos e tornamos a repetir: que um cavalleiro, ao aproximar-se do obstaculo, que vai transpôr com o seu cavallo, nada mais deverá fazer do que ligar-se aos movimentos do animal não só pela flexão de rins, que lhe permite um bom apoio sobre a sella e por conseguinte uma grande facilidade de inclinar o alto do corpo, quer para diante ao começar o salto, quer para traz ao terminal-o, mas pela união das pernas de harmonia com uma leve tensão das redeas, de fôrma que entre o homem e o cavallo haja sempre o mais intimo e reciproco contacto.

Acrescentaremos ainda que a acção de dar ou tomar as redeas a um cavallo durante o salto, sobre ser contraria á sua boa execução, como já tivemos occasião de provar, dá logar a soffreadas dolorosas, que, além de magoarem o animal, pôdem por isso mesmo levar-o á firme resolução de se negar a

transpôr ainda o mais insignificante obstaculo. Seja dito de passagem, e sem melindre para o leitor, que de cem cavalleiros, que preferem estes systemas, os noventa e nove hão de soffrear asperamente os seus cavallos. E nem isto deve causar a mais pequena admiração, por isso que o abalo brusco, que o salto communica ao cavalleiro, ha de por seu turno fazer-se sentir sobre a bocca do animal, e com tanta maior intensidade, quanto mais bambas as redeas estiverem.

Dissemos tambem que o cavalleiro não deverá nunca preceder os movimentos do cavallo durante a execução d'um salto, isto é, que nem deverá inclinar-se para diante, antes das espaldas do animal se levantarem, nem tão pouco para traz, sem que as mãos cheguem a terra do outro lado do obstaculo. No primeiro caso, porque não só pôde sahir pelas orelhas fóra, se porventura o animal não saltar promptamente, mas porque sobrecarregando as espaldas impede que ellas iniciem bem o movimento. No segundo caso, porque, sobrecarregando a garupa intempestivamente, pôde por tal fórma precipitar o apoio dos membros posteriores que sejam elles os primeiros a tocar em terra, quando devem ser os membros anteriores os primeiros a apoiar-se. Este *saut manqué*, como lhe chamam os francezes, além de ser contrario á natureza do mecanismo animal n'esta evolução, que exige que a antemão seja a primeira a apoiar-se, faz perder tempo e terreno, põe a descoberto a completa incompetencia do cavalleiro e pôde dar logar a uma queda de garupa, e, d'ahi, os mais funestissimos resultados.

A proposito, e por nos parecer que não será inopportuno, vamos fazer apreciar a differença que existe entre o machinismo do andamento do galope e o machinismo da evolução do salto. No galope normal, isto é, a tres tempos, depois do periodo de suspensão durante o qual o cavallo vai pelo ar em virtude do impulso que lhe communicaram as quatro pernas, é sempre um membro posterior, opposto em diagonal á mão sobre que o andamento se inicia, o primeiro a chegar a terra, marcando assim o primeiro tempo e batida de galope. A segunda batida é marcada pelo apoio simultaneo d'um bipede diagonal, pé e mão oppostos, que, recebendo o peso do animal da perna que primeiro se apoiou, o impelle por sua vez sobre a mão que ainda não tocou em terra. Por ultimo e logo que esta mão vem ao apoio, o que constitue o terceiro tempo ou batida de galope, é o cavallo lançado ao ar, — periodo de suspensão, — e assim successivamente.

De modo que, imaginando, por exemplo, um cavallo a galope sobre a sua mão direita, a ordem dos tempos e batidas de um passo completo d'este andamento faz-se pela fôrma seguinte: primeiro tempo, batida do pé esquerdo; segundo tempo, batida simultanea do pé direito e mão esquerda; terceiro e ultimo tempo, batida da mão direita. Em seguida vem o periodo de suspensão e assim successivamente. É claro que no galope sobre a mão esquerda, a ordem dos tempos e batidas faz-se em sentido diverso.

Examinando agora o mechanismo da evolução do salto, vê-se que se dá exactamente o contrario, porquanto logo que um cavallo é lançado ao ar e que passa sobre um obstaculo pelo impulso que lhe communicaram os seus jarretes, são os membros anteriores que marcam o primeiro tempo por isso que são os primeiros a chegar a terra. O segundo tempo, e o salto não tem senão dois, por se dar a simultaneidade de apoio tanto nos membros anteriores como nos posteriores, o segundo tempo, dizemos, é marcado pelo apoio das pernas que devem tocar em terra immediatamente depois das mãos. Ora quando, por impericia do cavalleiro, o primeiro tempo passa para segundo e este para primeiro, isto é, quando em vez das mãos são as pernas as que primeiramente chegam ao sólo, o salto é contra a natureza do mechanismo animal e tende a arruinar-lhe a postmão, e, em muitos casos, o corpo do desazado cavalleiro.

Se bem que nem todos os hippologos sejam da mesma opinião quanto ao mechanismo do galope de corrida, que uns dizem ser feito em dois, outros em tres, e outros em quatro tempos, nem por isso todos deixam de concordar que qualquer que seja o galope, é sempre a postmão do animal que precede no apoio a antemão, enquanto que na evolução do salto contrario é que tem logar.

Entre os hippologos, que com mais proficiencia têm tratado do assumpto, provando por theorias e dados positivos que o galope de corrida não póde ser senão um andamento em quatro tempos e exclusivo das raças que têm mais ou menos do puro sangue, destacam-se Mr. de Raabe, auctor de varias obras hippicas de grande merecimento e um dos mais distinctos discipulos de Mr. Baucher; Mr. Marny, inventor do methodo Graphico e dos apparatus registadores da Locomoção do cavallo; Mr. Barriol, inventor da Iconographia Hippica, tc.

Nós, que infelizmente não dispomos da competencia d'es-

tes eruditos escriptores nem dos seus instrumentos de precisão, mas que nos temos dado ao estudo das differentes locomoções do cavallo, merecendo-nos especial cuidado aquellas de que se trata, não só não podemos deixar de dizer que a opinião d'estes hippologos é a unica verdadeira, mas que este andamento, exclusivo dos cavallos de sangue mais ou menos apurado da raça *thoroughbred*, não o podem apresentar, ainda assim de um modo caracteristico, senão aquelles individuos que tenham tido uma tal ou qual preparação.

Como os olhos e os ouvidos são insufficientes para seguir e apreciar o mechanismo do cavallo lançado a toda a velocidade, e como nem todos tenham facilidade em possuir esses instrumentos, que marcam precisamente as differentes phases por que passam os membros n'esta locomoção, vamos apresentar um processo, que, pela sua simplicidade, qualquer poderá pôr em pratica, quando precise verificar se as opiniões de que vimos fallando são falsas ou verdadeiras.

Suppondo, portanto, que fazemos correr a toda a velocidade um cavallo de sangue, sobre um terreno preparado de fôrma que as patas do animal se imprimam sem se enterrarem, encontraremos pelos vestigios das ferraduras o seguinte: 1.º, que as quatro pistas ou pégadas se aproximam tanto mais de uma linha recta quanto maior é a velocidade do animal; 2.º, que os espaços comprehendidos entre cada uma d'ellas augmentam na mesma proporção; 3.º, que a distancia entre a segunda e terceira pégada orça pelo dobro do espaço da terceira para a quarta e por pouco menos de um terço entre a primeira e segunda. Ora como os vestigios deixados pelas ferraduras se não encontram proximos uns dos outros, nem ao lado, nem mesmo em diagonal, mas distanciados, adiante uns dos outros e quasi que sobre a mesma linha, claro está que nem os membros anteriores nem os membros posteriores se apoiam aos pares, desapparecendo desde então e completamente o galope a dois tempos, nem a simultaneidade de um apoio diagonal, o que nos daria o galope a tres tempos, no maximo da sua velocidade, pôde ter logar.

Demais, vê-se ainda que, sendo a extensão d'um passo completo d'este andamento, incluido o periodo de projecção que é relativamente pequeno, de quatro ou cinco vezes a altura do animal, o que abrange uns seis a sete metros de comprimento, não pôde dar-se em tão grande espaço de terreno o apoio simultaneo de qualquer das quatro pernas. Portanto é forçoso que cada uma, como os raios de uma

roda, isolada e successivamente se apoie, não só para sustentar toda a massa, como para a impellir no sentido do movimento.

Entre as muitas experiencias a que Mr. de Raabe procedeu pelo processo que acabamos de expôr, mencionaremos apenas aquella em que o mestre, tendo feito correr a toda a velocidade um puro sangue de 1^m,60 de altura encontrou, pelos vestigios que as ferraduras deixaram sobre o terreno, o seguinte resultado: 1.º uma extensão de 7^m,20 por cada passo completo de galope; 2.º as tres primeiras pégadas em linha recta e apenas a quarta um pouco á esquerda ou á direita d'esta linha, segundo a mão sobre que se dava o galope; 3.º 0^m,90 de distancia entre a primeira e a segunda pégada; 3^m,00 entre a segunda e a terceira, 1^m,50 entre a terceira e quarta e 1^m,80 de projecção. O tempo percorrido por cada passo completo de galope foi de meio segundo.

Não deverá portanto concluir-se que, sendo a extensão total do animal largado a toda a velocidade igual a quatro vezes e meia a sua altura, o que no caso sujeito nos daria $1^m,60 \times 4 \frac{1}{2} = 7^m,20$, não podem os quatro membros deixar de bater em terra isolada e successivamente, quando, em tão grande extensão de terreno, as pégadas se vêem distanciadas e sobre uma mesma linha?

Ora sendo assim, como o confirmam todas as experiencias obtidas desde os processos scientificos, entre os quaes figura a photographia instantanea, até aquelle que vimos de apresentar, o galope de corrida não pôde deixar de ser considerado como um andamento especial e executado em quatro tempos e pela fórma seguinte: 1.º tempo, batida do pé esquerdo; 2.º tempo, batida do pé direito; 3.º tempo, batida da mão esquerda; 4.º tempo, batida da mão direita; e assim por diante pelo que toca ao galope sobre a mão direita, porquanto no galope sobre a mão esquerda dá-se exactamente o inverso. O periodo de suspensão passa n'este galope a ser periodo de projecção.

Voltando a fallar dos saltos em altura devemos dizer que de todos os obstaculos, que se elevam sobre o sólo, os menos perigosos e ao mesmo tempo os mais facéis de vencer são as paredes, desde que os cavalleiros levam os cavallos a abordal-as francamente e a um galope tanto mais unido e concentrado quanto mais altas ellas forem. Em tal andamento podem os cavallos vêr e examinar bem a natureza do obstaculo, e reconhecendo a impossibilidade de o atravessar ou de

o lançar ao chão, hão de preparar-se devidamente para o transpôr.

O proprio instincto leva os animaes a concentrarem as suas forças de modo a poderem saltar, sem se esbarrarem, não só as paredes como todos os obstaculos que, massiços ou tapados de cima até baixo, não deixam vêr através d'elles para o outro lado.

Quanto ás sebes entrelaçadas, silvados, estacadas, barreiras de madeira, etc., que se representam illusoriamente aos olhos dos animaes como faceis de romper ou derrubar, por isso que vêem através d'ellas, demandam que os cavalleiros, não só se não fiem de mais no instincto dos seus cavallo, mas que redobrem de cautela e energia, para não deixarem que elles cheguem desunidos e abandonados, ao fazerem estes saltos. As sebes novas e pouco frondosas é que ainda se podem romper a galope e segundo o systema dos *jockeys* de hippodromo; mas sobre aquelles obstaculos ha de um cavallo passar sem lhe bater, sob pena de cahir ou deixar alguma perna entalada.

As barreiras de madeira, formadas por um simples pau ou corrimão grosso pregado sobre estacões, são obstaculos sérios e difficeis de saltar, sobretudo quando têm para cima de um metro de altura. O espaço vazio, que vai do corrimão ao sólo, concorrendo para dar a estas vedações uma apparencia de frageis e faceis de transpôr, illude por tal fórma os cavallo que, se não forem para ellas n'um galope curto e bem unido pelas *ajudas* do cavalleiro, difficilmente as salvarão sem ir a terra.

Mas de todos os obstaculos, com que um cavallo pôde deparar, aquelles que se nos afigura como dos mais difficeis e perigosissimos são certamente as duplas barreiras parallelas. Estas formidaveis vedações, que abundam nos paizes estrangeiros, e de que ainda os mais ousados *sportsmen* se arreceiam, são formadas de duas ordens de barreiras de madeira igualmente vasadas d'alto a baixo, isto é, do corrimão ao sólo, e d'uma largura intermédia variavel.

Para se ter um tal ou qual exito no salto d'este duplo obstaculo é forçoso operar-se de duas maneiras: ou partir para elle a galope cerrado, de fórma que o cavallo possa de um só pulo abranger as duas barreiras, o que é extremamente difficil e arriscado, mas inevitavel se acaso entre ellas não puder caber um cavallo; ou então, e quando houver o espaço bastante para se decompôr o salto em dois, o mais seguro

será metter o cavallo a meio galope atirando-o obliquamente ao meio das barreiras e em seguida e na mesma direcção para o outro lado.

É este o meio mais pratico e mais seguro de saltar, não só as barreiras dobradas, como todos os obstaculos parallelos, comtanto que entre elles haja o espaço sufficiente para caber pelo menos um corpo de cavallo. A obliquidade do salto tem sua razão de ser, pois dá ao animal mais espaço e mais facilidade de saltar ao meio e em seguida para fóra d'este duplo obstaculo.

É no salto das barreiras singelas ou dobradas que o chicote, bem applicado sobre a espadua direita do animal, produz os melhores resultados, pois vai imperiosamente determinar a antemão a elevar-se sobre o obstaculo.

Entre nós não ha as banquetas nem as sebes chamadas *bull-finches*, que na Inglaterra e sobretudo na Irlanda constituem duas das principaes vedações.

Para transpôr as banquetas, que não são mais que uns muros de terra de dois, tres e quatro metros de largo, com fossos d'ambos os lados e ás vezes uma sebe no meio, e que, exceptuando a largura, muito se assemelham aos nossos vallados, é preciso que um cavallo as aborde em tal andamento que possa saltar a pés juntos sobre o combro de terra e em seguida para o terreno fronteiro. Quando o cavalleiro, em vez de decompôr o salto em dois, chega velozmente sobre estes obstaculos, tentando vencel-os de uma só vez, póde levar o cavallo a partir-lhe as costellas, ou pelo menos a cabir dentro do segundo fosso que não póde ter visto ao fazer o salto. No salto das banquetas dão-se quasi sempre desgraças de gravidade, devidas em grande parte á pouca cautela e pouco saber dos cavalleiros. Nós já tivemos occasião de apontar um desastre em que, ao abordarem a toda a velocidade uma banquetta irlandeza, morreram instantaneamente cavallo e cavalleiro.

Os cavallos que saltam com melhor estylo estes obstaculos são incontestavelmente os *hunters* irlandezes; e tal é a naturalidade com que o fazem, no que imitam perfeitamente o salto das especies caninas, que mais parece ser devido a uma disposição hereditaria do que em consequencia do ensino ou de uma longa pratica.

As sebes *bull-finches*, de cujos ramos solidamente entrançados até á altura de um metro partem altos e frondosos rebentões, em que muitas vezes ficam pendurados os cavalleiros

com grande risota d'aquelles que conseguem atravessal-os, tambem têm a sua maneira especial de serem transpostas.

Para se vencerem estes obstaculos com tal ou qual *chance* é preciso carregar sobre elles a um galope largo e bem unido para que os cavallos possam realmente saltar a parte entrelaçada da sebe e romper por entre os rebentões superiores. Pela sua parte os cavalleiros, dirigindo os seus cavallos para o sitio mais raro e menos embrenhado da sebe, precisam inclinar-se bem para diante afim de abrirem caminho através dos ramos e de não serem forçados a perder a sella.

Ha uma precaução essencialissima a tomar-se e sem a qual poucas pessoas poderiam atravessar estas vedações sem ficar com a cara a escorrer em sangue. Consiste ella em tapar a cara com as mãos no momento em que os cavallos se atiram sobre a sebe. Esta operação faz-se deixando correr as redeas por entre os dedos, que se entre-abrem, até que as mãos mascarem bem os olhos e o nariz. D'esta fôrma tem o cavallo a sufficiente liberdade de redeas, para poder abrir passagem por entre os ramos, e o cavalleiro um bom meio de livrar pelo menos parte da cara de soffrer crueis arranhaduras.

Ordinariamente todas as corridas, que se effectuam por terrenos em que ha as sebes *bull-fences*, dão logar a presenciarem-se episodios engraçadissimos. Umaz vezes são as abas dos fraks encarnados que lá ficam na ponta dos ramos á laia de bandeiras; outras vezes são os lustrosos chapéus; outras, enfim, são os proprios cavalleiros, que, ficando pendurados na ramagem, são forçados a perder a sella e com ella os seus cavallos.

N'esta especie de corridas a vantagem está quasi sempre da parte dos cavalleiros pesados, em razão de não serem tão facilmente deslocados da sella, como succede áquelles que pelo seu pouco peso não offerecem aos ramos a mais pequena resistencia. Os cavallos mais fortes são tambem aquelles que vencem mais facilmente este genero de vedações.

Nos terrenos proprios para a caça ou para o *steeple-chase* são muito frequentes os saltos de cima para baixo e de baixo para cima.

O salto a descer não apresenta grandes difficuldades desde que o *sportsman*, perfeitamente unido ao seu cavallo, vai abrandando o galope á medida que se vai aproximando do terreno inferior para que tem de passar. No momento do salto, e antes mesmo do animal chegar a terra, deverá o cavalleiro

forçar a inclinação do busto para traz, para que o bipede posterior, apoiando-se o mais promptamente possível, possa socorrer de repente o bipede anterior. Pelo que respeita ás redeas deverão segurar-se em tal comprimento que nem obstem á inclinação do busto sobre a garupa nem façam mais do que amparar o animal ao terminar o salto.

Tão peritos são alguns cavalleiros em fazer saltar os seus cavallos de cima para baixo que, mesmo de pé firme, os atiram de grande altura sem que lhes falhe nenhuma das quatro pernas. Outros ha, e sobretudo entre os amadores da caça, que ao fazerem estes saltos a galope, e com o fim de se inclinarem bem para traz e de se collarem melhor á sella, simulam uma boa chicotada sobre o flanco direito do animal e, sem lhe tocarem, deitam a mão á patilha ou parte posterior do sellim.

Este modo de procurarem a quinta redea ou de se agarrarem ao Santo Antonio, como por aqui se diz, além de ser elegante e de não excluir a idéa de uma grande firmeza a cavallo, não deixa oscillar o assento e permite que a mão esquerda faça um bom uso das redeas.

Ao contrario do que vimos dizendo deve o cavalleiro metter a galope largo quando tenha que saltar de baixo para cima. Os obstaculos d'esta ordem precisam ser transpostos mais pela velocidade adquirida do que pelo esforço dos rins, pernas e curvilhões.

Todo aquelle que ao saltar de um terreno inferior para um terreno superior abrandar o andamento do galope, não só diminue a extensão do salto, obrigando o cavallo a apoiar-se muito proximo da borda do obstaculo, o que o póde fazer cahir para traz se as pernas lhe escaparem, mas leva-o a fazer um grande esforço da garupa, que por inutil e prejudicial se deverá fazer por evitar.

A facilidade com que todos os cavallos saltam de baixo para cima, e o pouco ou nenhum risco que correm de cahir para diante, dispensando muito bem o amparo das redeas, deixam a mão esquerda livre para se agarrar ao alto da crineira. A acção de tomar as crinas, o que ajuda extraordinariamente á boa execução do salto, porque leva o cavalleiro a deitar-se todo para diante, alliviando assim do seu peso a garupa, não deve dar logar a que as redeas se escapem da mão esquerda. Por seu lado a mão direita, ficando tambem livre, poderá servir-se do chicote segundo as circumstancias o exigirem.

Antes de passarmos a vér como se deve levar um cavallo

a transpôr os obstaculos, que formam o segundo grupo, isto é, aquelles que demandam um salto largo como são as vallas e os cursos d'agua, devemos informar o leitor que ha ainda uma outra maneira de levar um animal a saltar alturas muito differentes d'aquella, que como regra geral temos apresentado. Nós dissemos e repetimos — que quanto mais alto e difficil fôr o obstaculo, mais lento, mais unido e concentrado deve ser o andamento do galope — o que não quer todavia dizer que um cavallo faça o salto com tão pequena velocidade que o não chegue a completar inteiramente. Ora, segundo o nosso modo de pensar, o salto assim feito é mais brilhante, mais seguro e menos prejudicial para o mecanismo animal, n'uma palavra, é mais academico; mas não é tão rapido nem alcança tanto terreno por isso que o cavallo perde em altura o que ganharia em largura, e abala mais o corpo do cavalleiro do que se fosse feito á tira ou de vôo, como geralmente se diz.

O salto á tira, não podendo deixar de ser feito a grande velocidade e mais áquem do obstaculo, que o cavallo ou ha de passar réz-véz ou tocar com as pernas, por isso que não pôde calcular bem a elevação que deve tomar, dá ordinariamente causa a quedas desastrosas. Este modo de fazer saltar um cavallo, que tem os seus maiores adeptos dentro dos hippodromos, dá na realidade maior velocidade ao salto, abrange maior espaço de terreno, e, ao passo que é mais vantajoso quando se trata de ganhar um premio, não sacode tanto o cavalleiro. Mas só pelo facto de ser mais perigoso e mais ruinoso tanto para o homem como para o animal, abster-nos-hemos de o aconselhar a quem quer que tenha de saltar a cavallo fóra dos hippodromos.

Pelo que respeita aos saltos em largura guiar-nos-hemos pelo principio que atraz estabelecemos e que vem a ser: que quanto mais largo e profundo fôr um obstaculo, maior velocidade se deve desenvolver para o transpôr. Se um cavallo tivesse a flexibilidade de rins que tem um cão ou um gato, em virtude do que, arqueando a columna vertebral, podem ajuntar os pés com as mãos e pular de pé firme a grande distancia, não necessitaria correr para transpôr qualquer obstaculo; mas como a natureza não dotou este animal com tal flexibilidade, e se assim fosse nenhum cavalleiro se aguentaria na sella, a velocidade é-lhe necessaria e tanto mais quanto mais largo tiver que saltar. Portanto, é mais pela velocidade adquirida do que pelo esforço das pernas e curvilhões que um cavallo transpõe os obstaculos largos como vallas, canaes e riachos.

A primeira condição para levar um cavallo a saltar, não só estes como todo e qualquer obstaculo, é tel-o bem obediente à acção das *ajudas*, pois d'outro modo póde pegar-se ou furtar-se ao salto, fugindo sobre a direita ou sobre a esquerda. Para os saltos em largura deve o cavalleiro ir mais apurado do que para os saltos elevados, não só para evitar o sahir pelas orelhas fóra se o animal estacar de repente, mas porque nos saltos horisontaes e ao nivel do terreno é prejudicial sobrecarregar-se mais a antemão em proveito da postmão ou *vice-versa*. As mãos do cavalleiro, viradas d'unhas a baixo e quasi sobre a cernelha do animal, limitar-se-hão a amparar e a dirigir o movimento até ao salto, durante o qual nada mais devem fazer do que conservar-se immoveis e na mesma posição. As pernas, que têm a seu cargo desenvolver progressiva e proporcionalmente o andamento do galope e obrigar a garupa a seguir a linha das espaduas, devem conservar-se unidas aos flancos do animal e promptas a carregal-o de espora, logo que dê mostras de não querer saltar.

Para transpôr uma valla sêcca de um metro de largo por cincoenta centímetros de fundo, ainda um cavallo poderá marchar a meio galope; mas logo que ella fôr duas, tres e quatro vezes maior, deve o cavalleiro accelerar o andamento redobrando de cautela e energia, para não deixar que o animal não só se não furte, mas que passe o obstaculo em angulo recto, pois só assim fará o salto em boas condições.

As vallas d'agua estagnada, os canaes d'agua corredia e os riachos, saltam-se do mesmo modo que as vallas sêccas; como, porém, estes obstaculos são aquelles de que os cavallos mais se arreceiam pelo medo que tem de se afogarem, é preciso que o cavalleiro não só vá direito a elles com a maxima decisão e energia, mas que leve o animal bem amparado pelas *ajudas*, e que no caso de necessidade o determine a saltar usando mesmo com todo o rigor do chicote e das esporas. É «a grande eloquencia do chicote e das esporas» que, segundo a phrase do conde de Lagondie, resta ao cavalleiro como o ultimo recurso e como meio mais persuasivo de levar um cavallo a abalançar-se sobre uma corrente d'agua.

É sobretudo na passagem dos obstaculos largos que se torna impossivel, ou pelo menos contrario a todas as regras, o emprego de qualquer dos dois systemas que refutam e que prescrevem ao cavalleiro, um, elevar a mão ao cavallo no momento em que se dispõe para saltar, o outro, abandonar-

lhe as redeas na mesma occasião. Se, por exemplo, nos servissemos do primeiro systema, tomando o cavallo ao abordar um obstaculo largo, não só neutralisariamos o impulso promovido pela acceleração do galope e dariamos com o animal no fundo de uma valla ou d'um canal, mas obrigar-o-hiamos a preparar-se mais cedo para saltar, o que o faria igualmente cahir ao terminar o salto por não poder abranger todo o obstaculo. Qualquer d'estes casos dá-se ordinariamente quando um cavalleiro tem a pretensão de determinar ao cavallo o ponto em que deve firmar-se para saltar. O segundo systema tambem nos daria em resultado, não atirarmos com o animal dentro de um charco, mas irmos nós proprios para dentro d'elle em consequencia das *furtas* ou fugidas rapidas, que quasi todos os cavallos fazem ao aproximarem-se d'estes obstaculos, quando sentem as redeas a bamboarem-lhe sobre o pescoço.

Em definitiva:

O melhor meio para se levar um cavallo a aproximar-se d'um obstaculo largo e a transpol-o sem grave risco para si e para o seu cavalleiro é, pelo menos assim o pensamos, limitar-se a conduzir-o bem direito, bem amparado e com uma velocidade sufficiente, deixando-lhe a iniciativa de começar a fazer o salto aonde muito bem lhe parecer. Os cavallos, que são os que saltam, conhecem instinctivamente e bem melhor que os cavalleiros a distancia em que devem começar a fazer o salto áquem do obstaculo, e é por isso que, quando se lhes tolhe esta iniciativa, se atrapalham e cahem. Durante a execução do salto nem as mãos nem as pernas do cavalleiro se deverão mexer, limitando-se simplesmente a amparar o animal e a seguil-o no seu movimento de projecção através do obstaculo. As mãos, seguindo o movimento de recuo do busto do cavalleiro, que a velocidade do salto e a columna de ar que desloca fazem inclinar um pouco sobre a garupa, encurtam sufficientemente as redeas para auxiliarem o cavallo ao chegar do outro lado do obstaculo.

Desde que um cavallo obedece ás mãos e pernas do cavalleiro, e este se liga a elle pela flexibilidade de rins e pela união harmonica das *ajudas* de fórma que entre um e outro haja uma perfeita solidariedade, o salto em largura tambem não offerece grande difficuldade nem esses perigos que muita gente imagina.

O grande caso está em que um cavallo chegue bem montado sobre o obstaculo, porque então, confiando no seu cavalleiro, quasi nunca deixa de saltar regularmente; mas se

cada qual puxar para seu lado, se não houver harmonia entre as proprias *ajudas* e o corpo do animal, se não houver, enfim, a solidariedade que torna os dois n'uma só peça, o salto torna-se difficil, perigoso e muitas vezes impossivel de poder realisar-se.

Temos conhecido cavallos que ninguem daria nada por elles como saltadores, e não obstante, porque são bem montados e conduzidos com arte sobre qualquer obstaculo, saltam-no maravilhosamente e com tão boa vontade, pelo menos em apparencia, que dir-se-hia ser a sua paixão predominante.

Os cavallos que melhores saltos fazem em largura, porque a sua configuração a isso os ajuda, são inquestionavelmente os cavallos de puro sangue. Mais compridos, mais pernaltos e mais velozes, podem estender-se mais e por conseguinte abranger maior espaço de terreno. Em compensação os animaes de raça menos pura têm mais disposição para transpôr os obstaculos elevados. Mais curtos de rins e mais curvanos de pernas, e por isso mais fortes e flexiveis, têm estes cavallos maior facilidade de concentrar as suas forças sobre os jarretes e de se atirar mais facilmente de baixo para cima do que de traz para diante. E é por esta circumstancia que dissemos nas folhas precedentes que os cavallos saltam em altura, mais pela força dos rins, flexão e extensão dos curvilhões, do que pela velocidade adquirida, que é mais apropriada para os saltos em largura.

Em geral não são os cavallos portuguezes aquelles que fazem melhores saltos, poisso que a sua configuração e sangue os não ajudam; todavia alguns temos que, quando bem montados, saltam soffrivelmente bem. Haja vista o celebre *Caturra*, que pertenceu ao distincto *sportsman* Alfredo Anjos, e que em saltos largos difficilmente se excederia. Vimol-o muitas vezes no picadeiro do Collegio dos Nobres, em Lisboa, e sob o valente *calcão* do sr. Gagliardi, transpôr obstaculos de cinco e seis metros de extensão! O *Zmir*, montado pelo seu insigne cavalleiro, e nosso bom amigo Carlos Relvas, saltava vallas e barreiras de uma maneira prodgiosa. O *Kael* e o *Dragão*, que foram os primeiros cavallos, que ensinámos em alta escola, chegaram a saltar, no picadeiro, barreiras de metro e meio d'altura.

Em presença de dois illustres cavalleiros, conde de Castello de Paiva e Heitor Arrochella, que foram os proprios a segurar uma barreira á altura de sete palmos, ou 1^m,53, deu este ultimo cavallo um salto em que salvou não só a barreira

como um espaço de terreno de dezoito palmos justos. Foi de todos os saltos, que este magnifico cavallo deu, aquelle que mais nos satisfez, porque além de ser extraordinariamente grande em relação ao pequeno corpo do animal, pois apenas media 1^m,50 de altura, foi limpo e feito com a maxima franqueza. No Ribatejo tambem se vêem fazer magnificos saltos, e não é raro que um cavallo transponha com o seu campino val-las de quatro e cinco metros de largura.

Com relação aos saltos elevados ainda os nossos cavallos podem competir com os cavallos estrangeiros, porque acima de 1^m,53, que, como acabamos de dizer já saltamos e já temos visto saltar em cavallos portuguezes, poucos animaes poderão chegar; e, se não, não nos viria dizendo o barão de Curnieu na sua interessante obra, *Science Hippique Générale*, que para se presenciar um salto de quatro e meio pés, ou 1^m,48 de altura, valeria bem a pena fazer-se uma jornada de vinte e cinco leguas, e que um salto de cinco pés, que são sete palmos e meio, só se vê uma ou duas vezes na vida.

Em verdade o illustre publicista tem toda a razão, porque o que se chama um salto limpo de sete palmos e meio, ou 1^m,64 são rarissimos os cavallos que os podem dar com um cavalleiro na sella. E nós, a não ser a famosa egua *Arabesca*, montada pelo seu proprietario e distinctissimo *écuyer* Mr. Hertzog, que ha uns quinze annos fez em Portugal as delicias dos amadores de circo, nunca vimos que animal algum saltasse a esta altura. Conta-se, mas é natural que seja *blague*, que um arrojadissimo cavalleiro, por simples galanteria ou por qualquer coisa que o valha, se aventure a transpôr, com o seu não menos arrojado e valentissimo corcel, um muro de pedra de dois metros de altura! Se não é *americanada*, como se nos afigura, valia bem a pena, para o verdadeiro amator, de atravessar o mundo inteiro á procura de um igual saltador.

No que respeita aos saltos em largura é que os cavallos estrangeiros são muito superiores aos nossos. A pureza do sangue e a sua configuração apropriada, para em cada salto abran-gerem grande espaço de terreno, dão, especialmente aos cavallos inglezes de puro sangue, uma superioridade que os torna os primeiros saltadores do mundo.

O *The Sport Magazine*, jornal que outr'ora se publicava em Londres, além de muitos saltos de que dá noticia, apresenta dois como dos mais extraordinarios que se podem presenciar. Um, o de *Flora* egua ingleza e pertencente a um

lord qualquer, que n'um *steeple-chase* galgou conjuntamente uma sebe de 1^m,33 d'alto e um fosso que lhe ficava adiante, e que tinha nada menos de sete metros de largura! O outro salto, e talvez seja o mais phenomenal, foi dado sobre o canal de Mar-dyh, em Essex, aonde tem de largura de um ao outro lado trinta e sete palmos e meio, isto é, nove metros aproximadamente! D'esta vez foi um cavallo de puro sangue, montado por um tal Gordon Curtis, que praticou tão notavel aventura, o que lhe valeu ser considerado pelo mundo do *sport* d'aquella época como o melhor entre os melhores saltadores.

Os jornaes contemporaneos, que tratam exclusivamente de assumptos que dizem respeito ao *turf*, relatam de quando em quando um ou outro salto elevado, digno de menção e dado por cavallos inglezes de raça *thoroughbred*; mas todos elles são concordes em dizer que é sobretudo nos obstaculos largos que os animaes d'esta raça alcançam os seus maiores triumphos.

Se bem que nem todos os cavallos saltem do mesmo modo e com igual franqueza e facilidade, por isso que nem todos podem ter o mesmo character e disposição, ainda assim parece-nos que o que vimos de dizer para levar estes animaes a transpôr quaesquer que sejam os obstaculos, que se não tornem incompativeis com as suas forças, deve dar menos maus resultados com o geral dos individuos que formam a grande familia equina. Por isso, e para nos não determos mais sobre um assumpto, que só a muita pratica pôde esclarecer sufficientemente, vamos menciona algumas das principaes regras que os *sportsmen* estrangeiros costumam observar nas suas caçadas, e assim teremos terminado esta parte dos nossos estudos sobre o *turf*.

Como naturalmente se depreheende, para que qualquer pessoa possa tomar parte nas caçadas a cavallo com um certo exito, e o não cair já é alguma coisa, torna-se indispensavel que tenha sangue frio, bom olho, um tal ou qual conhecimento do terreno, e sobretudo que seja cavalleiro. Sem uma grande parte d'estas condições é que pouco se poderá esperar d'aquelle que se aventura a caçar a cavallo.

Pelo que respeita ás regras, que muito em resumo vamos apresentar, e que se devem considerar mais como uma prevenção contra os perigos e um meio de conter os caçadores de modo a reinar entre todos a mais completa harmonia e polidez, do que propriamente como leis imprescriptiveis, parece-

nos que ellas ajudarão á *linha* que deve ter todo o *sportsman* caçador.

Suppondo portanto que o nosso *sportsman*, que veste segundo o rigor da etiqueta, se acha no local do *rendez-vous* á hora designada, e o fazer-se esperar já não é muito proprio de quem se preza, a primeira coisa que deverá fazer, ao começar a caçada, é tomar o seu logar ao lado ou atrás dos outros cavalleiros, de fórma que nem incommode aquelles que lhe ficarem aos lados, nem os impeça de correr procurando cortar-lhes a carreira. Á medida que os seus companheiros forem alargando o galope dos seus cavallos, assim tambem o *sportsman* deverá proceder, procurando nem perder o seu logar nem tomar á viva força outro que lhe seja mais vantajoso.

Nas passagens estreitas o direito de passar primeiro pertence áquelles que forem adiante.

Nos terrenos difficeis e apertados nunca se deverá correr de compita ou emparelhado com outros cavalleiros, para que se não dêem os abalroamentos, que são ordinariamente causa de desgostos e de quédas perigosissimas.

Por terrenos areentos ou pantanosos, quando se não possam evitar, nenhum cavalleiro deverá metter o seu cavallo a mais do que ao passo e quando muito a meio trote, porque o galope, já de si fatigante, acabará por inutilisar o animal para poder seguir os cães convenientemente.

As encostas pouco ingremes sobem-se levando o cavallo em zig-zags. As encostas elevadas sobem-se á pé com o cavallo á redea; só d'esta fórma se evitarão os trambolhões, tendo-se a vantagem de chegar ao cimo de um monte com o animal descansado e em condições de poder continuar a tomar parte na caçada.

As ladeiras descem-se sempre a direito. Quem tentar descel-as em zig-zags corre o risco de cair de chapa com o seu cavallo, o que é sempre perigoso especialmente por um monte abaixo. As descidas a direito o mais que podem occasionar, quando a ladeira fôr um tanto a pique, são algumas excorriações na parte posterior dos jarretes, em consequencia do animal descer muito mettido de pernas; mas por outro lado tambem se lhe porporciona occasião de se firmar melhor e de descer com mais segurança.

Nas corridas de obstaulos, e sobretudo nas caçadas, nenhum cavalleiro deverá daxar de calçar os estribos um pouco mais curtos e completamente *argollados*.

Quando para o fim d'uma caçada o cavalleiro sentir que o

seu cavallo começa a fatigar-se, nem deverá continuar a puxar por elle nem o levará direito aos obstaculos; porque, por mais pequeno que seja o esforço que um animal empregue para saltar sempre necessita algumas forças, e tendo-as esgotado a correr, ou se repõe ao salto, ou, se é forçado a fazel-o, tem as maiores probabilidades de cahir do outro lado. O melhor e mais humano é levar o animal a parar alguns minutos, porque tomando um pouco de ar póde recuperar sufficientemente as forças para seguir ainda, e talvez com mais vantagem do que até alli, no encalço dos outros caçadores.

Estas poucas linhas, que encerram mais uns conselhos e prevenções do que propriamente regras, e que são o resumo do que também em summula diz a este respeito o *sportsman* de Lagondie na sua interessante obra *Le cheval et son cavalier*, conjuntamente com o que acabamos de expôr para montar um cavallo por terrenos cortados de obstaculos, darão ao cavalleiro, pouco habituado aos exercicios venatorios a cavallo, uns taes ou quaes conhecimentos para não fazer uma figura inteiramente má, quando porventura se encontre em qualquer *rendez-vous* de caça. Para ser um *sportsman* consummado precisaria certamente o meu leitor de consultar obras d'outro mecimento, que não tem este nosso modestissimo trabalho.

Ao terminar, não deixaremos de mencionar os nomes d'algumas pessoas, que, não só como productores, criadores de cavallos e proprietarios de cavallariças de corrida, mas como *gentlemen-riders* e mesmo *jockeys* de profissão, têm concorrido a despeito de contrariedades e sacrificios para a sustentação do *turf*, desde que entre nós foi officialmente inaugurado.

Começaremos pelos productores e criadores, que sem a sua efficaz cooperação, pois são, para assim dizer, aquelles que têm fornecido a materia prima, não poderia conceber-se em Portugal a criação d'este genero de *sport*.

O illustre *sportsman* barão de Pero Palha foi uma das primeiras pessoas que teve a gloria de vêr que dois dos productos da sua caudelaria ganhassem successivamente as principaes corridas, que nos dois primeiros annos do nosso *turf* se disputaram nos hippodromos de Lisboa e Porto. O *Sullão* e o *Blunt*, mas principalmente aquelle, porque este morreu novo partindo as mãos n'uma corrida no hippodromo de Belem, deu uma prova incontestavel do bom sangue que girava nas veias dos cavallos d'aquelle illustre titular. Foi para sentir que a sua bem montada caudelaria, em cujo sangue predominava o alter-

arabe, se desfizesse, pois estamos certos que, sob a direcção de tão intelligente conhecedor e amator de cavallos, teria melhorado consideravelmente e poderia hoje apresentar sobre a arena corredores de notavel merecimento. Esta caudelaria deu apenas por contingente estes dois cavallos, que correram sempre sob as côres — azul e palha — registadas como propriedade do *sportsman* Gustavo Ferreira Pinto Basto.

Carlos Relvas, aprimoradissimo *sportsman* em toda a extensão da palavra, foi tambem um dos que mais concorreu para elevar o *turf* ao brilhantismo a que chegou, e que nunca mais lhe conhecemos desde que tão distincto cavalleiro se resolveu a abandonar por completo este genero de *sport*. Habitudo desde a infancia a ensinar os seus cavallos, o que fazia com a arte de um verdadeiro homem de cavallo, era elle proprio que preparava e montava os seus mais afamados corredores. O *Emir*, *Gentleman* e *Favorita*, que foram os melhores representantes da sua caudelaria, em que girava o sangue oriental, attestam pelas victorias alcançadas nos hippodromos portuguezes e andaluzes, não só a pericia como o excellente *calção* de tão notavel cavalleiro. Afóra os productos da sua caudelaria avigorada ultimamente pelo sangue dos magnificos garanhões inglezes, *Lakland* e *Little-boy*, que geraram alguns animaes de bastante merecimento, como a *Aiida* e *Bellone*, montou ainda este cavalleiro e algumas vezes com successo o formoso *Rollão*, que era um puro arabe e o seu favorito de sellim. O *Chasseur d'Afrique*, da magnifica raça *thoroughbred*, foi o seu cavallo de batalha e aquelle em que ganhou os seus maiores triumphos, porque nunca em Portugal como em Hespanha deixou de vencer por uma grande dianteira todos os seus adversarios.

A retirada do *turf* portuguez de tão sympathica personalidade foi de uma grave perda para o futuro da associação e encheu de pezar o seus amigos e admiradores. Actualmente dedica-se o notavel cavalleiro ao *sport* tauromachico em que é um *diestro* entre os *diestros*.

A morte prematura do marquez de Castello Melhor, de saudosa memoria para todos aquelles que tiveram a ventura de o conhecer, não podia deixar de se fazer sentir nefastamente sobre o *sport* de que nos occupamos. E se bem que o distincto *gentleman* se não interessasse d'alma, vida e coração, pela criação exclusiva de cavallos corredores, e preferisse talvez antes a propagação de animaes proprios para toureio, em cuja arte era insigne, não deixava nunca de assistir a todas as

corridas em que quasi sempre tinha algum cavallo a disputal-as. A filiação d'alguns productos da caudalaria da Labruge, que nós vimos correr nos hippodromos do Porto e Lisboa, fazia esperar que a cavallariça de corridas seria consideravelmente melhorada e que o seu nobre proprietario viria por fim a dedicar, se não todos, uma boa parte dos seus cavallos aos torneios do hippodromo. Infelizmente foi pouco duradoura a esperança que os *sportsmen* depositaram no distincto cavalleiro, por isso que a morte roubou a todos tão preciosa existencia!

O nome do distincto *gentleman*, conde de Sobral, figura nos annaes do nosso *turf* quasi que desde o dia da sua instituição. E se os productos da caudalaria de Almeirim, de que é proprietario o illustre titular, se não mostraram logo desde o principio á devida altura, se soffreram mesmo alguns revezes, são hoje por toda a gente considerados como os primeiros corredores portuguezes. A persistencia, o estudo e o tacto particular de que é dotado o nobre *sportsman*, levaram-no a transformar completamente a sua caudalaria, fazendo substituir, pelo sangue inglez, o sangue oriental que girava no corpo dos seus cavallos. O *Missionary* e o *Secret*, reproductores de subida fama, foram os principaes reformadores da sua cavallariça de corridas, como os representantes — *Mission*, *Misleader*, *Leviano*, *Ladino*, *Selected*, *Serbet*, *Saeton*, e outros que foram vendidos para Hespanha, formam um bom contingente de valentes corredores. Além do bom sangue de todos estes cavallos, todos elles tiveram a vantagem de ser bem dirigidos na sua preparação. Foi no *traineur Athias* que o illustre *sportsman* encontrou um poderoso auxiliar encarregando-o de preparar e dirigir os seus cavallos.

O não menos sympatico vulto que os *gentlemen* precedentes, o digno par do reino Manoel Vaz Preto Geraldês, melhorando n'estes ultimos tempos a sua já afamada caudalaria com sangue de reproductores inglezes, entre os quaes figura o nome de *Missionary*, que, como dissemos, foi um dos reformadores da caudalaria de Almeirim, tem conseguido obter alguns productos que já se batem valentemente com os cavallos de Hespanha e Portugal. Os cavallos que se têm ultimamente apresentado a correr sob as côres — verde-escuro e boné preto — que são o distinctivo da cavallariça de que é proprietario o digno par, não renegam a boa filiação do alludido reproductor, e um d'elles, um outro *Missionary*, tem já por vezes obtido uma boa classificação nos hippodromos da peninsula.

A fundação de uma nova caudelaria de que são proprietarios os *gentlemen* Alfredo Anjos, nosso actual ministro na cõrte da Suissa, e Ignacio Esmauz Casal Ribeiro, constitue mais um novo elemento de vida e prosperidade para o *turf* portuguez. Sem a intervenção de tão estimaveis cavalheiros o nosso *turf* ficaria simplesmente reduzido ao auxilio dos dois *turfmen* conde de Sobral e Vaz Preto Geraldês, que apesar dos seus esforços e dedicação não poderiam a sós continuar a sustentar a vitalidade das corridas. Qualquer dos dois que retirasse o seu apoio, não apresentando a correr os seus cavallos, era caso para que a nossa unica associação hippica baqueasse e fechasse as portas do hippodromo. Por isso não poderiam os dois associados escolher melhor occasião de auxiliar o *turf* portuguez e de apresentar os seus cavallos, cujo successo se não pôde fazer esperar attendendo á boa filiação, criação e educação. O *Blak Prince* é o principal reproductor da nascente caudelaria, e o *traineur*, um inglez, que sabe do seu officio.

Que saibamos, não vemos que mais algum proprietario de caudelaria apresentasse os seus cavallos a correr nos nossos hippodromos, desde que o *sport* das corridas foi entre nós officialmente instituido; e devido talvez a esta circumstancia, tendo começado com tão bons auspicios, muito longe de progredirmos temos retrogradado!

Pelo que respeita aos simples proprietarios das cavallariças de corrida, isto é, aquelles que, não tendo caudelarias suas, compram os corredores onde muito bem lhes parece, podemos dizer que têm sido immensos aquelles que têm tomado parte nas corridas e não só com um, mas com dois, tres e mais cavallos. Mas assim como apparecem, assim tambem desaparecem! É que o nosso *turf*, d'uma pobreza que chega a metter dô, não compensa, ainda no caso mais feliz, as enormes despesas que se fazem com os *traineurs*, com os *jockeys*, com os cavallos, emfim com o que diz respeito a corridas, e é por isso que os temos visto desertar do hippodromo.

Calculos que não podem ser taxados de exaggerados poderão facilmente mostrar que, entre nós, quando um cavallo chega a ganhar 100 libras sobre a pista, já deve ter gasto ao seu *feliz* proprietario para cima de duzentas! Ora é por isso que se tem visto desertar do hippodromo umas após outras, e depois de terem apparecido uma ou duas vezes, muitas d'essas *córes* que teriam continuado, não só a abrilhantar as nossas festas hippicas, como a concorrer para a prosperidade da pro-

dução equina, se os resultados não lhes tivessem sido inteiramente negativos.

Como tenham sido em grande numero, não só os proprietarios de cavallos, como os *gentlemen-riders* e *jockeys*, que têm tomado parte nas corridas portuguezas, limitar-nos-hemos a apresentar simplesmente a lista dos seus nomes bem como as nossas desculpas, se, por uma falta involuntaria, deixarmos de mencionar alguém:

Proprietarios de cavallos

Exc.^{mos} Snrs.

Alfredo Ferreira dos Anjos.
Alfredo Tinoco.
A. Valente Martins.
André D. Gonçalves.
A. G. Franco.
Antonio Galacho.
Antonio Taveira.
Antonio Vellez Caldeira.
Barão de Sandeman.
Carlos Ferreira Pinto.
Carlos Relvas.
Capitão Luxford.
Conde de la Corzana.
Conde da Ribeira Grande.
Conde de Sobral.
Conde de Villa Real.
D. Guilherme Garvey.
D. José Aladro.
D. José de la Cierra.
D. Thomaz Heredia.
Duque de Castillejos.
Duque de Fernan Nuñez.

Duque de Loulé.
E. Coimbra.
F. Cobs.
Francisco Ribeiro da Cunha.
Frederico Ferreira Pinto.
Guilherme da Silva Guimarães.
Gustavo F. Pinto Basto.
José de Castro.
José Martins de Queiroz.
João de Brito e Cunha.
Manoel Vaz Preto, Gerales.
M. Marin.
Marquez de Castello Melhor.
Marquez de Castel Moncayo.
Monteverde.
Moreton.
Palha Blanc.
Ricardo Davies.
Thomaz Maria da Silva.
Visconde de Alverca.
Visconde de Asseca.
Visconde de Mossamedes.

Gentlemen-riders

Exc.^{mos} Snrs.

Alfredo Ferreira dos Anjos.
Alfredo Tinoco.
Antonio Vellez Caldeira.
Barão de Sandeman.
Cabel Roop.
Carlos Relvas.
Capitão Luxford.
Connington.
D. Alexandre de Sousa.
Eduardo Moreira Marques.

Frederico Schultz.
H. Grant.
João de Mello.
José Martins de Queiroz.
M. Marin.
Ricardo Davies.
Visconde de Alverca.
Visconde de Reboredo.
Wright.

Jockeys de profissão

Adams.
Agostinho.
Alfredo.
Alcock.
Bentley.
Blanchard.
Cochicho.
Everett.
F. Jarvis.
Fitas.
Galrinho.

Garcia.
Hammond.
Jennings.
José Braz.
J. Taylor.
Larst.
Marquez.
Norton.
Woad.
Zamit.

Guimarães, Março de 89.

J. MARTINS DE QUEIROZ.